

PESQUISA QUALITATIVA DE BASE FENOMENOLÓGICA E A ANÁLISE DA ESTRUTURA DO FENÔMENO SITUADO: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES

QUALITATIVE RESEARCH OF PHENOMENOLOGICAL BASIS AND THE ANALYSIS OF THE STRUCTURE OF THE SITUATED PHENOMENON: SOME CONTRIBUTIONS

Carmen Célia Barradas Correia Bastos¹

Resumo: A modalidade de pesquisa qualitativa de base fenomenológica é uma proposição metodológica definida nas Ciências Humanas como possibilidade de estudos em diversas áreas do conhecimento científico. O objetivo do artigo é apresentar os fundamentos teóricos e metodológicos da Pesquisa Qualitativa Fenomenológica e a análise da estrutura do fenômeno situado. Em especial nas dimensões propositivas dos autores Joel Martins e Maria Aparecida Bicudo. A estrutura do artigo traz aspectos conceituais do posicionamento fenomenológico e os passos a serem seguidos por pesquisadores que escolham esta modalidade de pesquisa.

Palavras-Chave: Pesquisa Qualitativa; Fenomenologia; Metodologia.

Abstract: The modality of qualitative research based on phenomenology is a methodological proposition defined in the Human Sciences as a possibility of studies in several areas of scientific knowledge. The objective of this paper is to present the theoretical and methodological foundations of the Qualitative Phenomenological Research and the analysis of the situated phenomenon. Especially in the propositional dimensions of the authors Joel Martins and Maria Aparecida Bicudo. The structure of the article brings conceptual aspects of the phenomenological positioning and the steps to be followed by researchers who choose this modality of research.

Keywords: Qualitative research; Phenomenology; Methodology.

1 Considerações conceituais iniciais

Como método de pesquisa, a Fenomenologia é uma forma radical de pensar. Assim sendo, ela parte, necessariamente, de caminhos conhecidos de fazerem-se as coisas, desafia os pressupostos aceitos e busca uma nova perspectiva para ver o fenômeno. Enquanto um método genuinamente radical fundamenta-se em novos conceitos, os quais, no começo, para aquele que nela se inicia, são estranhos e desconhecidos... À medida que se “habita” a nova linguagem, entende seus significados que se referem tanto às proposições, ideias e corpo de ideias (BICUDO, 1983, p.11).

A pesquisa na modalidade análise da estrutura do fenômeno situado, que pretendemos discutir neste artigo, é apresentada e fundamentada por Martins e Bicudo (1989). Esta modalidade de pesquisa é indicada para o campo de trabalho das Ciências Humanas e se situa no âmbito da pesquisa qualitativa fenomenológica. De acordo com os

¹Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Cascavel, Paraná, Brasil. E-mail: carmen.bastos@unioeste.br

autores, “em vez de dizer-se pesquisa qualitativa talvez fosse melhor dizer análise qualitativa na pesquisa, entendida como uma forma de trabalho metodológico das Ciências Humanas” (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 41).

Nesta perspectiva, definem que:

Na pesquisa fenomenológica, o investigador, de início, está preocupado com a natureza do que vai investigar, de tal modo que não existe, para ele, uma compreensão prévia do fenômeno. Ele não possui princípios explicativos, teorias ou qualquer indicação definidora do fenômeno. Inicia seu trabalho *interrogando* o fenômeno. Isso quer dizer que ele não conhece os característicos essenciais do fenômeno que pretende estudar. Por exemplo: se for pesquisar aprendizagem, as definições e as teorias existentes não constituem o seu ponto de partida; ele interroga a própria aprendizagem, perguntando o que é aprendizagem? O que quer dizer aprender? Como se realiza a aprendizagem? etc., antes de ter definições ou teorias sobre aprendizagem. O fenomenólogo respeita as dúvidas existentes sobre o fenômeno pesquisado e procura mover-se lenta e cuidadosamente de forma que ele possa permitir aos seus sujeitos trazerem à luz o sentido por eles percebidos sobre o mesmo (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 92).

O modo fenomenológico de fazer pesquisa, ainda de acordo com esses autores, pressupõe que o pesquisador procure “reavivar, tematizar e compreender eideticamente os fenômenos à medida que são vividos, experienciados e conscientemente percebidos” (p. 76). Portanto, reavivar significa reviver, tornar vivo; diz respeito ao pensamento, à inteligibilidade. Reavivar o fenômeno é torná-lo passível de experiência por meio dos recursos adequados usados pelo pesquisador. Complementam os autores que:

Um objeto, quando olhado pelo pesquisador de maneira inteligível, torna-se um fenômeno para esse pesquisador que assim o olha. Tal objeto, neste caso, adquire o caráter de fenomenalidade o qual desaparece quando deixa de ser experienciado de modo vivo (MARTINS; BICUDO, 1989 p. 76).

Em relação ao termo tematizar entendemos que quer dizer “pôr de forma estabelecida, localizada um assunto ou tópico sobre o qual se vai discursar ou dissertar”(MARTINS; BICUDO, 1989, p. 76). E Compreender refere-se a um modo de entendimento diferente da dimensão explicativa: compreensão é tomar o objeto a ser compreendido na sua intenção total, não apenas naquilo que as coisas são na sua representação. Deste modo, enfatizam os autores que compreender,

É ver o modo peculiar, específico, único de o objeto existir, no sentido hegeliano e não conhecer uma lei do tipo físico-matemático, a qual pode ser descoberta mediante o pensamento empírico-objetivo (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 77).

A expressão Eidético refere-se à essência do fenômeno; *eidōs* é essência. Para a fenomenologia, essência ou *eidōs* diverge da idéia sobre as coisas, sobre o mundo. Segundo a intuição empírica, é possível ter idéias e informações sobre o mundo, e sobre este pode-se chegar a uma intuição eidética. Portanto,

Tematizar e compreender eideticamente significam tomar o fenômeno seriamente diante dos olhos e estudá-lo de maneira sistemática para poder vir a compreender o objeto na sua intenção total, na sua essência, e não apenas na sua representação. Deixa-se de lado, com esse modo de proceder, a experiência empírica (*Erfahrung*) para assumir-se a experiência consciente (*Erlebnis*) (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 77).

As essências não são o fim da análise, mas são vistas como meio de trazer à luz todas as relações que se pretende conhecer e que dão forma às intencionalidades dos sujeitos da pesquisa.

Estes são os fundamentos que sustentam a maneira de desvelar o fenômeno estudado na perspectiva da pesquisa qualitativa adotada pela fenomenologia.

Na pesquisa qualitativa, modalidade análise da estrutura do fenômeno situado, portanto, a estrutura (experiência) e a essência do fenômeno mostram-se necessariamente nas descrições que obtemos dos sujeitos. A descrição, para Martins e Bicudo (1989, p. 44, 46 e 47) tem importância fundamental no desenvolvimento da pesquisa qualitativa, pois o ato de descrever algo pressupõe um leitor. Há nessa modalidade de pesquisa, uma ênfase na natureza descritiva do conhecimento desejado ou aquele conhecimento a que se deseja chegar. Esse conhecimento é a essência do fenômeno.

As descrições referem-se à experiência que os sujeitos têm a cerca do que está sendo pesquisado. Dessa forma, nas descrições estarão as intencionalidades e as essências do sujeito. As essências não são o fim da análise, mas são vistas como meio de trazer à luz todas as relações vividas, isto é, experienciadas.

A constituição dos dados para a análise do fenômeno situado, começa quando fazemos a leitura das descrições para encontrarmos o que se mostra de mais significativo. Essas partes significativas são delimitadas por temas ou perspectivas da investigação. O tema é dado através de questões orientadoras referentes aquilo que queremos conhecer.

Para conhecer as características essenciais do fenômeno que se pretende pesquisar começa-se a investigação empírica direta no campo total do estudo proposto de maneira particularmente aberta. Este olhar atento permite a direcionalidade para o fenômeno como ele se dá. Trata-se do “mundo-vida” dos sujeitos, matriz social dentro da qual surgem as situações não conhecidas que procuramos esclarecer por meio de procedimento de investigação e transformar em asserções generalizáveis.

Portanto, o mundo no qual os sujeitos vivem e experienciam é um mundo social e cultural, dentro do qual os sujeitos se relacionam de forma múltiplas nas suas inter-relações.

A postura de descrever esse mundo-vida dos sujeitos dá-se para fins práticos, buscando conhecer e compreender sua conduta, seus motivos, etc., que se originam nas circunstâncias biograficamente determinadas dos sujeitos.

Para a análise do fenômeno situado, portanto, daquele fenômeno que foi posto diante de nossos olhos para investigação, precisamos iniciar com uma descrição do mundo onde se dão as experiências vividas dos sujeitos, procurando contextualizar aqueles que foram nossos objetos veiculadores de pesquisa.

Com esse procedimento, já estamos realizando uma redução na análise no que diz respeito à delimitação do nosso interesse ao fenômeno.

A rigor existem quatro momentos distintos na análise do fenômeno situado:

1º - Leitura das descrições inteiras, (entrevistas ou relatos), a fim de formar um sentido para o conjunto das proposições, sem buscar, ainda, qualquer interpretação do que está exposto ou sem tentativa de identificar qualquer atributo ou elemento ali contido. Essa leitura visa conseguir um fim geral de todas as afirmações;

2º - Leitura das descrições, (entrevistas ou relatos), novamente, para evidenciar as Unidades de Significado. Esses significados existem para o pesquisador que está interrogando e não são unidades comportamentais rigidamente prescritas, são respostas para as suas interrogações;

3º - Esse momento refere-se a um procedimento de reflexão cuja intenção é chegar a categorias, passando através das expressões concretas dos sujeitos. Essas transformações em categorias é necessária porque as descrições feitas pelos sujeitos expressam de forma oculta, realidades múltiplas que desejamos elucidar em seus aspectos mais gerais que focalizam o fenômeno situado;

4º - Último momento da análise que busca sintetizar todas as unidades de significado transformadas em proposição constituindo então a estrutura do fenômeno ou a afirmação consistente da estrutura do fenômeno.

De acordo com Martins e Bicudo (1989), podemos definir cada um desses momentos da análise, expressos nos termos:

- 1) **Sentido do todo** – refere-se à capacidade de compreender a linguagem do sujeito da pesquisa de modo a familiarizar-se com as ideias e obter um insight sobre o que o sujeito deseja falar;
- 2) **Definição das Unidades de Significados** – como é impossível analisar um texto (ou informações amplas das entrevistas, etc) torna-se necessário dividir

em unidades. Estas existem somente em relação à atitude, disposição e perspectiva do pesquisador, pergunta norteadora;

- 3) **Criação das categorias de análise** – transformações das expressões dos sujeitos em uma linguagem concreta e seletiva de acordo com critério da pesquisa constituído nas interrogações do estudo;
- 4) **Síntese das unidades de significados transformadas em proposição** – trata-se de elaboração de um texto onde se busca integrar todos os *insights* contidos nas unidades de significados transformadas consistente da estrutura situada do fenômeno. Trata-se de um texto ou metatexto propriamente dito, no qual são expressas as compreensões acerca do fenômeno investigado.

2 A constituição dos dados propriamente dita

Apresentamos até o momento os aspectos conceituais da pesquisa fenomenológica na perspectiva que nos propusemos a discutir no presente artigo. No item a seguir, faremos uma explanação acerca dos aspectos metodológicos mais especificamente. As descrições representam as afirmações relevantes que caracterizam o fenômeno analisado de forma precisa e expressiva. Assim, apresentamos alguns momentos nominados de análise ideográfica e análise nomotética realizados a partir das construções das descrições.

2.1 A análise ideográfica e a produção das descrições

A partir do momento que o pesquisador obteve os dados por intermédio da coleta de informações via entrevistas, leitura de documentos, questionários, etc., deparara-se com uma quantidade de dados que precisa organizar para dar sequência às análises. É diante destes dados que se começa a produzir as descrições do fenômeno estudado. Passamos então ao procedimento de leituras para dar conta do sentido do todo.

Nas descrições vamos destacando as informações que são relevantes para a pergunta da pesquisa, pois estas estão vividas de experiência vivida pelo sujeito. De forma ideal, as descrições deveriam excluir os dados sem importância e incluir todas as afirmações relevantes e que são importantes para caracterizar o fenômeno experienciado de forma precisa e expressiva da experiência original vivida.

Diante da descrição, marcam-se ou põem-se em evidência, os significados encontrados nas proposições, isto é, são diferenciadas as partes das descrições de acordo

com perspectivas e interrogações psicológicas. Entenda-se por significado, aqui, a representação mental idiossincrática que cada sujeito tem dos eventos expressados em seu relato.

Assim é que, através da análise ideográfica, - das ideias dos sujeitos - as unidades de significado despontam em elementos constitutivos de relato do sujeito, indicando momentos distinguíveis na descrição.

Esta análise ideográfica se faz necessária porque os limites das descrições individuais nem sempre se expressam de forma clara o que está sendo interrogado na pesquisa. Busca-se uma melhor inteligibilidade para a expressão ou articulação dos significados próprios de cada sujeito. Desta forma, a constituição dos dados, ou seja, a identificação das unidades de significados de cada descrição é realizada retirando-se da descrição aquilo que melhor expressa as ideias de cada sujeito relacionadas ao fenômeno interrogado.

Trata-se de um movimento analítico que tem como referência a observação de ideias que convergem para um mesmo significado; (isto só é possível, após uma leitura exaustiva das descrições/falas/depoimentos/textos).

2.2 A constituição da análise nomotética

A análise nomotética configura-se como uma passagem das ideias individuais dos sujeitos para o entendimento geral sobre o que se pesquisa, isto é, uma síntese integrativa. O termo nomotético, deriva-se de *nomos* que significa o uso de normas ou leis, indica uma elaboração de normas que se originam de fatos. A análise nomotética possibilita, então, reagrupar aquelas representações mentais individuais levantadas pela análise ideográfica, que se tornaram praticamente normativas, e verificar que aspectos individuais podem ser generalizados. Naturalmente que, face aos limites da pesquisa, não se trata de generalizações universais, mas generalizações contextuais, isto é, no âmbito do fenômeno situado.

Este movimento do individual para o aspecto geral na manifestação do fenômeno possibilita, inicialmente, um reagrupamento das unidades de significados em *categorias*, face à compreensão das convergências e divergências encontradas nas descrições individuais e que se mostram por intermédio da análise ideográfica.

Quadro ilustrativo do modo como podemos agrupar as Unidades de Significados

Categorias emergidas das Unidades de Significado	Identificação das descrições das quais emergiram
1 – Categoria X	6-7-10-14-30-39
2 – Categoria Y	1-2-4-6-20-35-40
3 – Categoria N	7-8-13-15-19-33
4 – Categoria Z	5-11-12-17-25-38
5 – Categoria F	13-17-22-34-39

Quadro 1: Organização das categorias e respectivas unidades de significado.

Fonte: CORREIA (1989)

No quadro acima, a título de exemplificação, X, Y, N, Z, F são as categorias que o pesquisador encontrou e nominou-as e os números representam a identificação dos sujeitos nas descrições de forma a manter-se o anonimato dos respondentes.

Por fim, esta fase de reflexão analítica pode ser enfeixada numa *síntese* que congregue os aspectos genuinamente comuns nas descrições, tanto quanto aqueles aspectos implícitos e que puderam ser explicitados nessa ação reflexiva. Com esta síntese torna-se possível expressar o fenômeno já tematizado e que se mostra nos seus aspectos essenciais ao inquiridor fenomenológico.

3 A importância da pergunta norteadora para a pesquisa fenomenológica

Para uma melhor definição da região de inquérito, isto é, da definição e delimitação do ‘objeto’ de estudo, o pesquisador deve interrogar o fenômeno tão amplamente quanto possível e, nesta abertura atenta, procura captar o fenômeno desvinculado de suas próprias idéias, pré-julgamentos (*epoché*) e teorias, *a priori*. Esta postura de abertura significa proporciona captar o fenômeno em sua significação e estrutura própria, naquilo como se mostra ao pesquisador

A elaboração de proposições ou questões orientadoras da pesquisa são indispensáveis na dinâmica do estudo qualitativo. Pode-se ter algumas perguntas, mas é recomendável que se tenha uma *pergunta síntese*.

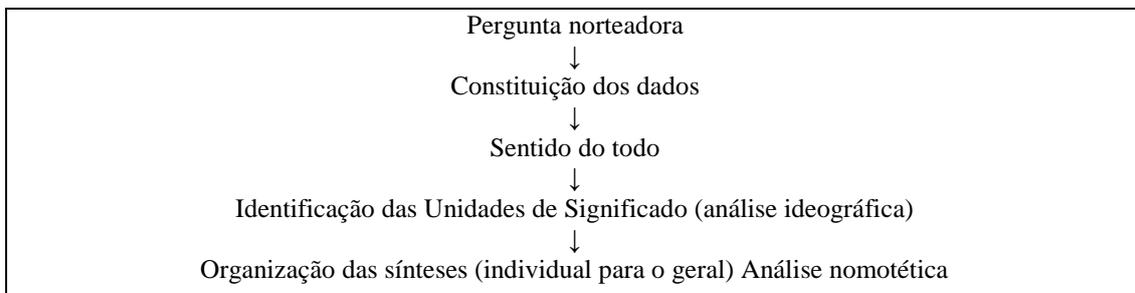
A partir do posicionamento atento que possibilitou a escolha da região de inquérito, também conhecida como problematização em outras modalidades de pesquisa, passamos a organizar os demais passos da metodologia para se encontrar as respostas possíveis ao fenômeno pesquisado. Compreensões que se produzirão no desenrolar das análises do estudo.

Para Joel Martins, de acordo com Saviani (2005), ao formular a pergunta de pesquisa, - que denomina de pergunta ‘pedagógica’ - o pesquisador tem a possibilidade

de conduzir uma pesquisa. A pesquisa gerada pela pergunta norteadora pedagógica tem como ponto de partida o senso comum.

A elaboração dos instrumentos para obtenção dos dados é feita a partir das perguntas do estudo. Deve-se ter clareza destas perguntas para a consistência e coerência das questões a serem formuladas, tanto num questionário semi-estruturado, quanto num roteiro para as entrevistas. A obtenção dos depoimentos/falas/dados deve levar o pesquisador ao significado atribuído pelo sujeito, as suas indagações. Significado é considerado no sentido idiossincrático, ou seja, peculiar, próprio de cada sujeito; É a representação mental que o sujeito tem do fenômeno enfocado, conforme as experiências vividas.

A rigor, o que se percorre na realização da pesquisa qualitativa de abordagem fenomenológica pode ser resumido esquematicamente do seguinte modo:



Quadro 2: Síntese das etapas que constituem o percurso da pesquisa
Fonte: CORREIA (1989)

A estrutura do fenômeno neste momento integra-se o estudo realizado, numa perspectiva teórica explicativa, ilustrativa daquilo que foi efetivamente encontrado. São diálogos que se estabelecem com autores que discutem a temática evidenciada. É o rigor científico pressuposto pela ampliação/contribuição do conhecimento sobre determinado assunto.

De acordo com Martins e Bicudo (1989),

[...] a pesquisa fenomenológica está dirigida para significados, ou seja, para expressões claras sobre percepções que o sujeito tem daquilo que está sendo pesquisado, as quais são expressas pelo próprio sujeito que as percebe... ele não está interessado apenas nos dados coletados mas nos significados atribuídos pelos sujeitos entrevistados/observados (MARTINS; BICUDO, 1989, p.97, grifo da autora).

Estes significados atribuídos passam a ser considerados então numa análise integrando referenciais teóricos a respeito do tema estudado e que contribuem para uma ampliação do conhecimento científico da área a que se vincula o estudo realizado.

4 Considerações finais

A pesquisa qualitativa na modalidade do fenômeno situado é uma proposta que proporciona ao pesquisador um encontro com o conhecimento situado analiticamente, mas não focado superficialmente como poderiam criticar seus opositores. Portanto, ao seguir os passos das etapas delineadas pelo estudo, rigorosamente, chega-se a compreensão do fenômeno estudado. Podemos explicar o fenômeno pesquisado nas suas dimensões sociais, psicológicas, pedagógicas, econômicas, políticas, e também fundamentalmente humanas. É o que podemos depreender sobre as possibilidades de se fazer pesquisa em Ciências Humanas a partir de uma atitude fenomenológica.

A oportunidade de convivência, em especial com o professor Joel Martins na UNICAMP nos anos 1980 e os registros e compreensões aqui trazidas sobre a pesquisa qualitativa na análise do fenômeno situado, vão além de um aprendizado acadêmico-metodológico. Acercou-me, sobretudo de memórias das aulas e encontros para orientações que foram verdadeiras oficinas de ‘como fazer fenomenologia’ ou ter-se uma atitude fenomenológica. Sei que do muito que aprendemos, (e tentei praticar como seguidora), ainda é pouco diante da grandeza dos conhecimentos do mestre Joel Martins, para a produção de conhecimentos na área da fenomenologia.

Para concluir, deixamos o pensamento do professor Joel Martins citado por Saviani (2005)

[...] faço uma fenomenologia... eu não diria minha, mas pelo menos com recurso que a fenomenologia me dá para fazer pesquisa. Eu não estou interessado nas grandes reflexões fenomenológicas, eu não estou interessado nas análises dos trabalhos de Merleau-Ponty, que são trabalhos muito importantes, muito sérios... Mas eu estou interessado é na pesquisa, como é que se vai fazer pesquisa humana, usando o recurso da fenomenologia (SAVIANI, 2005, p.25).

Para ratificarmos que o interesse na pesquisa em Ciências Humanas proclamado pelo mestre Joel foi um interesse genuinamente fenomenológico, ressignificamos suas ideias (e seus ideais) no presente artigo.

Referências

BICUDO, M. A. V. Prefácio. In: MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. (Org.). **Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação**. 1. ed. São Paulo: Moraes, 1983.

CORREIA, C. C. B. **O trabalho do professor leigo na região semi-árida do Piauí**. 1989. Dissertação de Mestrado em Educação – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas-SP, 1989.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação**. 1. ed. São Paulo: Moraes, 1983.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em Psicologia. Fundamentos e recursos básicos**. 1. ed São Paulo: Editora Moraes, 1989.

SAVIANI, D. O protagonismo do professor Joel Martins na pós-graduação. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 30, p. 21-35, dez. 2005.

Recebido em: 22 de agosto de 2017.

Aceito em: 11 de outubro de 2017.